
GLOBALIZAÇÃO: DIÁLOGO ENTRE O LOCAL E O GLOBAL

JACINTHO, Sílvia Maria Conrado¹

RESUMO: O termo globalização expressa a mais recente fase da expansão capitalista, que se efetivou em virtude da aceleração tecnológica, responsável também pela modificação nos usos e significados do tempo, do espaço e da história. O diálogo se faz pelas articulações contraditórias entre o mundial e o local, por meio de redes e fluxos que percorrem a superfície terrestre integrando pontos diversos do globo como também, pela fragmentação efetivada pela divisão internacional do trabalho, DIT, que se caracteriza por especializações produtivas mas também pelas especificidades sociais, culturais e políticas de cada região.

Palavras-chave: Diálogo. Fragmentação. Articulação. Local/Global.

SUMMARY: The term globalization expresses the world's most recent period of capitalist expansion which occurred due to the technological acceleration. It is also responsible for changes in uses and meanings of time, space and history. The referred dialogue is constituted by contrary or opposite articulations between the global and local, through nets and currents running along the surface of the earth which integrate different points of the globe through a fragmentation brought about by the international division of labor (in Portuguese, DIT) which is characterized not only by productive specializations but also by social, cultural and political specification in every region of the globe.

Keywords: Dialogue. Fragmentation. Articulation. Local and the global.

[...] Esse povoamento do mundo pela informação, que passa a ser a grande forma de energia, a comandar o movimento, faz com que em cada lugar estejamos no mundo e que o mundo, por sua vez esteja em cada lugar.

Milton Santos

INTRODUÇÃO

A aceleração tecnológica recente define a nova dinâmica, não apenas da política e da economia global, mas também dos usos e significados do tempo-espaço, tem-se hoje uma simultaneidade entre fato e informação, além da dinamização do cotidiano, quando o mundo parece encolher, pela subtração das barreiras virtuais e espaciais que acarretam a diminuição do tempo necessário para cruzar o espaço, etc. A esse processo, Harvey chama de **compreensão do tempo-espaço**, que vem acompanhado de profundas transformações nas relações humanas e nas representações do mundo.

O termo globalização, com o significado atual, surgiu na década de 1980 para exprimir a mais recente fase da expansão capitalista, tornada possível graças à **revolução técnico-**

¹ Prof.^a Dr.^a em Geografia UNESP/Franca

científica informacional. Esta impôs uma lógica de articulações e **redes** que, se por um lado, independe de fronteiras político-administrativas, criando seus próprios espaços, por outro, possibilita a circulação e comunicação de pessoas, idéias, bens, serviços e capitais. Machuhan mostra a amplitude desse processo com a seguinte frase: “Hoje passamos da produção de artigos empacotados para o empacotamento das informações. Antigamente invadíamos os mercados estrangeiros com mercadorias. Hoje invadimos culturas inteiras com pacotes de informações, entretenimento, idéias[...]”

Essa esquizofrenia “pós-moderna” deixa como rastro conflitos, arranjos e contradições na produção do espaço. Pode-se dizer que a globalização ora vigente está, para o atual período técnico-científico do capitalismo, como o colonialismo esteve para a sua etapa comercial, e o imperialismo para a fase industrial e financeira. E pra radicalizar esse novo tempo, Max Horkheimer foi categórico ao afirmar: “[...] A máquina expeliu o maquinista: está correndo cegamente pelo espaço [...] o tema deste tempo é a autopreservação, embora não existia mais um eu pra ser preservado”.

A expulsão do Homem pela máquina, e a busca da autopreservação, no século XXI, referem-se à necessidade de recorrer a estratégias de defesa dessas invasões high-tech, sutis, eficazes e silenciosas que são travadas nas bolsas de valores, numa combinação de informática e telecomunicação, interligando arquivos empresariais ou institucionais em transações bilionárias, sem depender de fabricação ou venda de produto algum; é o chamado hot money – capital quente ou capital volátil, gerador de crises econômicas, de oscilações nas Bolsas de Valores, no “risco país”, etc.

Há facetas mais palpáveis da globalização, como as modificações radicais, ocorridas no comércio, no consumo, com suas lojas virtuais e vendas pela internet ou TV, ou ainda o fator mais significativo da globalização social e cultural (bate-papos, pesquisas, trocas de informações, etc., que mobilizam milhares de pessoas com idéias, políticas e ideologias.

1 O DESENVOLVIMENTO DAS TÉCNICAS E A GLOBALIZAÇÃO

O início da internacionalização dos países foi apontado por Milton Santos a partir da descoberta das Américas, no século XV. Neste momento se estabeleceu, pela primeira vez, aquilo que Fernand Braudel chamou de economia mundo. Porém, apenas a partir do século XVIII, com o advento da máquina, é que se modificam completamente as relações entre os homens e a natureza. Enormes intervenções, como pontes, canais, represas, estradas de ferro, etc., que permitem o desenvolvimento e multiplicam o resultado do trabalho humano.

Durante séculos, o desenvolvimento do homem foi marcado pelas invenções técnicas, cujo objetivo era o domínio da natureza e, portanto, moduladas por ela, com a fabricação de um machado que fizesse o trabalho de uma mão mais poderosa, ou a confecção de uma veste de couro que aumentasse a proteção da pele, ou ainda a tração animal, funcionando como pernas e braços mais fortes e velozes.

[...] As técnicas vão permitir uma circulação maior do homem, mais numerosa, mais rápida, mais barata[...] É também essa possibilidade de circular que vai ampliar o comércio a limites impensáveis [...] Esse processo vai se acelerar a partir da segunda metade do século XX, [...] para dar lugar ao começo do processo de globalização que estamos vivendo agora[...] significa também a possibilidade de se comunicar. E é por isso que as multinacionais puderam se instalar, unindo, graças à técnica informacional, os mais diversos pontos do planeta: tanto os que comandam, como os que são comandados, ou fiscalizados.

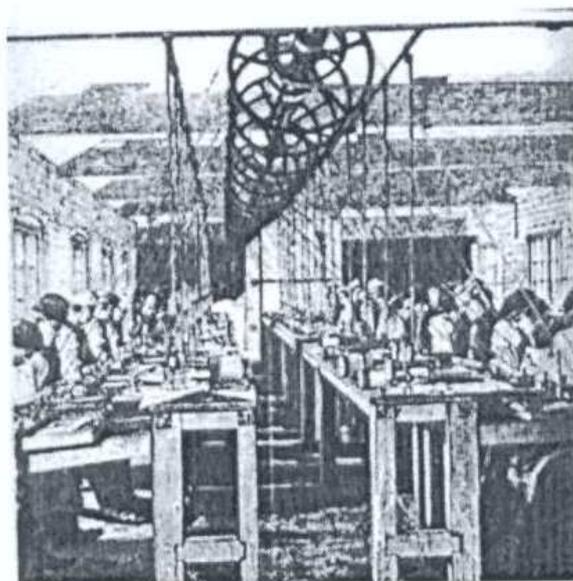


Figura 1: A máquina: Os teares aumentam a produção e intensificam o trabalho

Hoje, através da convergência de técnicas desenvolvidas ao longo do último século, há a possibilidade de se usar o espectro eletromagnético. O melhor exemplo, hoje, são os tecnopolos, que constituem núcleos de acolhimento de complexos industriais, baseados na associação entre o conhecimento científico (exemplo, a Universidade da Califórnia em Bekerley), e as tecnologias (o vale do silício, na Califórnia).

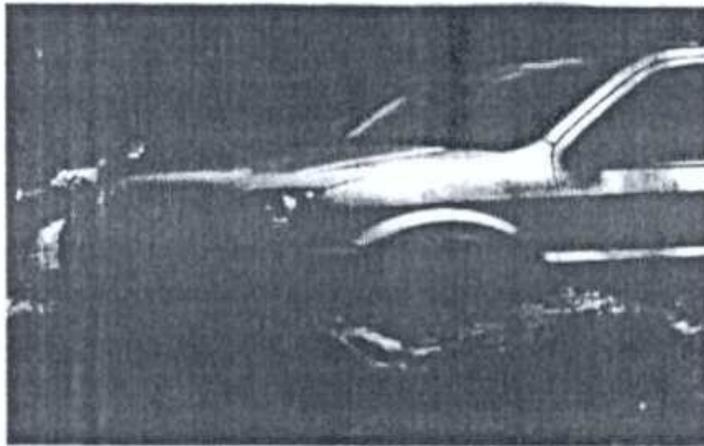
Os tecnopolos representam para o capitalismo da terceira revolução industrial, o equivalente ao carvão para a primeira, e ao petróleo para a segunda. Neles se encontram as

indústrias da economia informacional, fortemente baseadas na microeletrônica, como por exemplo, os chips de computador².

Os sistemas informacionais, outrossim, subsidiam uma proposta de Milton Santos para regionalização, chamada pro ele de “Os quatro Brasis”, em que os critérios políticos, administrativos ou geo-econômicos (que sempre pesavam como elementos determinantes regionais), são substituídos pro limites baseados na difusão diferencial do meio técnico-científico-informacional. Suas quatro regiões são definidas a partir da maior ou menor irradiação das inovações tecnológicas, agrupando-se da seguinte forma: 1. Região concentrada (Sul e Sudeste) 2. Região centro-oeste, (chamada de ocupação periférica). 3. Região Nordeste, (quadro sócio-espacial engessado). 4. Amazônia (Rarefação demográfica e baixas densidades técnicas).

É evidente que alguns lugares são mais plenos desse nexu de ciência, de informação e de técnica e, desse modo, abrigam as forças hegemônicas, que representam o que há de mais global no mundo, isto é, as empresas multinacionais e os bancos internacionais que, cada dia, buscam mudar de car, integrando-se às paisagens nacionais, mas, sobretudo, criando a possibilidade de uma enorme desordem.

Aceleração tecnológica.



1913 um chassis da Ford Co. requeria 12:28

1914 um chassis (linha de montagem) requeria 1:30 horas

1980 A fabricação de todo o carro demora uma semana

2000 A fabricação do carro demora 12:00 horas

II. Diálogo entre o Local e o Global

² Os chips têm como matéria-prima básica o silício, um mineral não metálico muito duro que forma cerca de 28% da crosta terrestre. Neles são impressos microcircuitos integrados, que constituem o cérebro do computador, usado também em automóveis, microondas, geladeiras, biotecnologia, etc.

A vida se expressa no lugar. Este revela a diferença às instâncias concretas do vivido, do percebido e do concebido. O vivido significa o que emerge das interações mediadas pelo uso, o percebido, pelas significações dos atos e aparências e, finalmente, o concebido envolve uma intencionalidade, num misto de ideologia e conhecimento. No lugar, o mundial se faz presente, por meio dos objetos e artefatos que se disseminam por toda a parte. *Out dor*, músicas, alimentos, bebidas, roupas, grifes, enfim, símbolos que manipulam, vendem marcas, hábitos, culturas e estilos de vida.

[...] a globalização materializa-se concretamente no lugar, aqui esse lê/entende o mundo moderno em suas múltiplas dimensões, [...] no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. O mundial que existe no local, redefine seu conteúdo, sem todavia anularem-se as particularidades.

Segundo Carlos (1996), pensar o lugar é também pensar a história pessoal do indivíduo, os usos, hábitos, culturas, língua e tradição. O homem percebe o mundo pelo seu corpo, seus sentidos; assim ele constrói e se apropria do espaço e do mundo. O lugar é o espaço mais próximo do seu corpo, dos sentidos, das emoções, e ganha significado pelo uso: é o bairro, a praça, a rua de seu trajeto cotidiano. O lugar revela a **fragmentação** do mundo, na medida em que guarda para si o significado e as dimensões do nascimento da história, enquanto o movimento da vida é apreendido por todos os sentidos do corpo. O lugar se produz na **articulação** contraditória, entre o mundial que se anuncia, e a especificidade histórica do particular.

2 FRAGMENTAÇÃO E ARTICULAÇÃO

Deve-se enfatizar que a lógica da globalização e seus novos parâmetros não constituem uma configuração abstrata ou imutável. CORREA assim a sintetiza: uma dinâmica atrelada a um complexo processo de fragmentação e articulação, que ratifica e/ou retifica a diversidade do lugar, criando, refazendo e desfazendo unidades e heterogeneidades.

A fragmentação é expressa pela Divisão Internacional do Trabalho (DIT), que se caracteriza por especializações produtivas (sapatos de Franca, agronegócio de Ribeirão Preto, soja no Centro Oeste, cana em Ituverava), e também por características sociais, culturais e políticas, que diversificam bastante e evidenciam o caráter desigual do desenvolvimento capitalista, exibindo sua inerente contradição nas relações de dominação e subordinação na contiguidade do grande investimento com a atividade familiar.

Alguns países ou regiões convertem-se em novos centros de crescimento industrial, frente ao declínio de outros; assim, a DIT não funciona apenas em relação ao trabalhador do conhecido chão de fábrica; ela acaba expandindo sua lógica para a construção das relações entre os países. Toda economia nacional, seja qual for, torna-se província da economia global, uma vez que o capital é seletivo, não cria vínculos com o lugar. Busca o arcabouço

técnico/científico/informacional, o que pode ser constatado pela concentração dos pólos de alta tecnologia e sua atração para cientistas, intelectuais, recursos químicos, sintéticos eletroeletrônicos.

Esse fato provoca a disfunção espacial da produção, porque, como o local pe escolhido conforme as conveniências do capital, ou seja: “eficiência americana, competência alemã e preço/competitividade chinês”, esses paradigmas priorizam vantagens comparativas dinâmicas: capital, tecnologia, informação, e não mais as vantagens tradicionais, como matéria prima natural, mão-de-obra-abundante-e-barata, porém, não qualificada. Assim se dá a reaglomeração da produção, em que se acentua o desenvolvimento desigual (áreas ricas e pobres), e combinado (centro e periferia).

O **espaço global é o espaço do trabalho** e das grandes corporações com forte capital financeiro. Eles coordenam a linha de produção integrada, em parceria com terceiros, possuindo intensa conexão entre si. As empresas, corporações, conglomerados transnacionais representam as enormes desigualdades entre os mundos desenvolvido e não desenvolvido. As lutas de classe e sindicatos se esvaziaram pela fragmentação do trabalho e do trabalhador, perdidos também em escala global. Tudo isso provocou planetarização das esferas de decisão e atrofia dos mecanismos de comando dos sistemas nacionais.

Essa relação é muito pertinente na afirmação de Jorge Luís Borges:

Organizar uma empresa que abarca o planeta não é uma empresa insignificante [...].
Propor uma assembléia que representasse todos os homens seria como fixar o número exato dos arquétipos platônicos, enigma que tem ocupado durante século a perplexidade dos pensadores

Por isso, pode-se afirmar que o óbvio, na dinâmica capitalista, é a sua própria reinvenção e as estratégias para a sua sobrevivência, como pode ser evidenciado pro meio de uma análise do modo de produção em sua escala mundial, levando-se em conta: 1. A divisão Internacional do Trabalho, em sua distribuição, hegemonia e diferentes formatos ao longo da história; 2. As regras que asseguram a acumulação do capital, a reprodução e a sua progressão coerente. 3. Os procedimentos mediadores, individuais e coletivos do regime de regulação do mercado, base de sustentação da acumulação do capital.

É importante mencionar os pesados investimentos na técnica e tecnologia e o acirramento na divisão do trabalho intelectual e manual, que por sua vez, condicionam a produção industrial e substanciais alterações nas forças produtivas e nas relações mercantis. Cabe mencionar que a expansão tecnológica, embora disseminada pelo mundo, não atinge todos os lugares e setores com a mesma intensidade.

No Brasil, muitas tecnologias são adquiridas já obsoletas e tardiamente, portanto, são segretórias, porque se concentram apenas em alguns pólos privilegiados. Esse desenvolvimento desigual, para Castells, é uma constante na divisão internacional do trabalho, tanto no que se refere à tecnologia, como capital e mão de obra. Para o autor, há indústrias da economia informacional fortemente baseadas na microeletrônica, justapostas a trabalhos redundantes, subempregos desvalorizados, matérias primas naturais, artesanato, numa disputa concorrente e contraditória de uso.

Este espaço é constituído desigualmente, a partir das diferenciações que se acentuam ao longo do tempo em virtude da divisão social e territorial do trabalho, do desenvolvimento das forças e das relações produtivas, das lutas sociais, da ação do Estado e da ideologia. Nem todos os lugares tiveram, ou têm o mesmo ritmo de desenvolvimento sócio-especial. Estão, de uma forma ou de outra, interligados, sobretudo por interesse políticos e econômicos e são resultado da combinação de fatores gerais e particulares, externos e internos, ou do movimento de expansão e reprodução do modo capitalista de produção e seus aspectos culturais.

A articulação desse quebra cabeças se faz pelos fluxos que percorrem a superfície terrestre, integrando as mais diferentes áreas. Constituem-se em circuitos locais e mundiais que possibilitam a comunicação em tempo real e, conseqüentemente, permitem a instalação das multinacionais, unindo, graças à técnica informacional, tanto os que comandam, como os que são comandados, ou fiscalizados.

Octávio Ianni propôs uma reflexão sobre metáforas inspiradas na globalização, como por exemplo, “aldeia global”, “nave espacial”, “fábrica global”. Esta última é tanto metáfora como realidade, instala-se além de qualquer fronteira, articulando capital, tecnologia, força de trabalho, divisão do trabalho social e outras forças produtivas acompanhada pela publicidade, a indústria cultural, a mídia impressa e eletrônica, redes de computadores e outros meios de comunicação provocam a desterritorialização e reterritorialização dos territórios, gentes e idéias, além de promover o redimensionamento de espaços e tempos. Nesse sentido, o século XXI nasce sob o signo de uma revolução fictícia, onde a leitura do mundo se faz em: pós-industrial, pós fordista, pós-comunista, pós-nacionalista, pós-fronteiras nacionais, pós-moderno e mesmo pós-historicista. O discurso vigente é o do “Adeus a diferença”, ou seja, o da homogeneização das diferentes culturas sob o domínio da globalização. Porém, vários autores contestam essas expressões deterministas e enfatizam que a globalização não gera uniformidade, nem homogeneização dos lugares mas, pelo contrário, reforça as diferenças espaciais que já existem.

A globalização exige, naquelas áreas onde se instala, um movimento transformador, em virtude dos artifícios tecnológicos. As relações produtivas ocorrem via informacional; hoje

se tem como informação a fibra ótica, o capital, as sementes geneticamente adaptadas, laboratórios, etc.; todos esses elementos exigem uma articulação perfeita, interagindo mutuamente. Houve uma diminuição enorme entre as etapas invenção/inação/aplicação, em função de grande parte dos investimentos em Ciências e Tecnologia serem efetuadas por empresas privadas que contratam pesquisas e pesquisadores em universidades, até então não vinculados ao capital industrial. Isso confere dinamização no ritmo de vida, novos valores, agilidade e eficiência das comunicações.

Hobsbawm nomeou o século XX de a Era dos Extremos, em virtude da guerra fria e das outras guerras e revoluções nacionalistas; alguns autores chamam o século XXI de “era do terrorismo ou fanatismo”, referindo-se aos atentados promovidos por grupos fundamentalistas que buscam a visibilidade com reações extremadas. Essa postura ocorre em protesto às ameaças representadas pelo ocidente aos seus códigos políticos, religiosos e crenças muçulmanas. Grupos radicais contra-atacam com atos extremados, sangrentos e de efeito sensacionalista. Paradoxalmente, pretendem a substituição dessa ordem ocidental caótica, por uma ordem fundamentalista, escatológica, que engessa identidades e tenta preservar valores intransigentes, imutáveis e rígidos.

Após a segunda guerra mundial, o mundo se dividiu em dois grandes blocos: Capitalismo, representado pelos Estados Unidos e seus aliados, e o Socialismo, tendo à frente a União Soviética. Estabeleceu-se, portanto, a bipolaridade, ou a guerra fria, devido ao confronto e às constantes ameaças entre eles.

Após o desmoronamento da União Soviética, restou o bloco liderado pelos Estados Unidos. Os demais países se viram na premência de se agruparem, objetivando a formação de uma frente econômica e política que desafiasse a hegemonia americana. Atualmente, os pólos de maior poder são: **União Européia**, constituída por vários países europeus; o **NAFTA** (Acordo Comercial entre os países México, Canadá e Estados Unidos) e **APEC** (Cooperação Econômica Ásia Pacífico /1989), além de outros, com importância secundária. Ocorre, então, a reordenação do mundo em megablocos supranacionais, em detrimento da soberania de cada Estado. Pode-se dizer que terminou o sistema de polaridades definidas, ou de uma ordem mundial bipolar, para um sistema de polaridades indefinidas ou de multipolarização econômica do mundo.

A globalização promoveu e promove, outrossim, com seu rolo compressor, várias transformações e, nesse bojo, uma enorme desigualdade, no que se refere à integração de regiões ou Estados e a exclusão de outros. Nunca, na história, houve tanta concentração

econômica, política e social, em alguns lugares, e nem desnível, abandono e dominação em outros. É muito pertinente a afirmação de IANNI:

[...] que a terra se tornou mundo, de que o globo não é mais apenas uma figura astronômica e sim o território no qual todos encontram-se relacionados e atrelados, diferenciados e anagônicos – essa descoberta surpreende, encanta e atemoriza. Trata-se de uma ruptura drástica no modos de ser, sentir, agir, pensar e fabular. Um evento heurístico de amplas proporções, abalando não só as convicções, mas também as visões do mundo.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **Da violência**. Brasília: UnB, 1985.

BEKO, G. **Economia: espaço e globalização, na aurora do século XXI**. São Paulo: hucitec, 1996.

BORGES, J. L. **El libro de Arena**. Madrid: Alianza, 1987

CARLOS, A. F. A. **O espaço no fim do século: a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. **A (re) produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

_____. (org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

CARLOS, A. A. F. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, I. E. et al. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CORREA, R. L. Região: globalização, pluralidade e persistência conceitual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓLOGOS, 5. **Anais...** Curitiba: AGB 1994. p. 215 – 227.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização e as “regiões rede” In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓLOGOS, 5. **Anais...** São Paulo: AGB, 1994.

HOBSBAWN, E. **A era dos extremos**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

HORKHEIMER, M. Eclipse da razão. In: IANNI, O. **Teoria das globalizações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. p.20.

IANNI, O. Teorias da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

LEFEBVRE, H. **La survie du capitalisme**. Paris: Anthrops, 1973.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LENCIONI, S. **Região e geografia**. São Paulo: Edusp, 1999.

LIPIETZ, A; LEBORGNE, D. O pós fordismo e seu espaço. **Espaço & Debates**. São Paulo: v.8, n. 25, p. 12-27, 1988.

MACLUHAN, M. Imagem, o som, a fúria. In: **CULTURA de massa**. São Paulo: Cultrix, 1973, p. 563 – 570.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Globalização e meio geográfico: do mundo ao lugar. In: SOUZA, A J. de et al. **Paisagem território região: em busca da identidade**. Cascavel: Edunioeste, 1000. p. 51 – 56.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. **Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2001.

SAQUET, M. A . O tempo, o espaço e o território. In: **PAISAGEM, território, região, em busca da identidade**. Cascavel: Edunioeste, 2000.

SOUZA, A. J. de et al. **Paisagem, território, região: em busca da identidade**. Cascavel: Edunioeste, 2000.

VESENTINI, J. W. **A nova ordem mundial**. São Paulo: Ática, 2000.